

A rapariga moderna não pode ser boneca de redoma como as meninas de outros tempos, mas diga-se-lhe também que não pode renunciar às virtudes próprias do seu sexo.

D. Fr. Francisco Rendeiro, O. P.

ANO I — N.º 19
SETEMBRO
1 9 5 3

QUINZENÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
GRÁFICA LOULETANA
Rua Padre António Vieira, 9 — LOULÉ
DIRECTOR
JAIME GUERREIRO RUA
EDITOR E PROPRIETÁRIO
JOSÉ MARIA DA PIEDADE BARROS
Composto e Impresso na TIPOGRAFIA UNIÃO — Rua Tenente Valadim, 30-1.º Esq. — FARO — Telefone 154

Futuro negro O figo destilável do Algarve

para a Lavoura Algarvia

A lavoura e os destiladores pedem ao Governo a justiça a que têm direito

O editorial de 16 de Agosto, depois de exposta sucintamente a situação do comércio de exportação de frutos secos do Algarve e dos seus reflexos na lavoura, chegámos à segunda razão apresentada como causadora da crise — a *desorientação* do mercado interno.

Segundo podemos concluir do que dia a dia observamos e do que se lê no último relatório do Grémio dos Exportadores de Frutos e Produtos Horticolas do Algarve, parece que o comércio adquire a mercadoria por preços inimportáveis nas ofertas.

Sendo assim, essa situação traduz, evidentemente, a existência de preços artificiais e forçados e acabará por resolver-se, esgotadas que sejam as reservas e possibilidades do comércio, na queda completa das compras, pois não será possível, senão por capricho e com desvio de lucros ou de capitais de outra proveniência, manter um estado de coisas directamente conducente à ruína.

Caminha-se para o esgotamento total e o que conseguir ser o último (e isso é, talvez, o sonho megalómano de alguns) ficará a dominar inteiramente, resultado nada tentador para a lavoura, então reduzida a escrava do comprador único.

Entretanto, perdidos os mercados, difícil e demorada será a reconquista que permita, até ao comprador único, ser generoso para com o pobre agricultor.

E' o próprio Grémio quem o diz: *temos vindo a perder a pouco e pouco a situação que tínhamos alcançado nos mercados importadores e julgamos que dificilmente a recuperaremos.*

A que atribuir então essa verificada e decantada *desorientação*?

A' simples circunstância de se ter transformado o comércio de frutos em *transacções de bolsa* ou *jogo de aposta* a que, à mesa dos cafés, se dedica a nova categoria ou espécie comercial em que, com desvio da sua função própria, se transformou a legião dos oitocentos e tantos intermediários ou comissários que existem na Província.

LISBOA - ALGARVE

em Caminho de Ferro

SOBRE as ligações do Algarve com a capital por via férrea, o nosso prezado colega «Correio do Sul» salienta, justificadamente os inconvenientes e incómodos horários a que tem de sujeitar-se as pessoas obrigadas — e são na generalidade — a servir-se deste meio de locomoção.

Efectivamente ou se obrigam a perder uma noite viajando no correio ou inutilizam um dia (destilando suor por todos os poros, no verão) se se servem do chamado rápido.

Sem necessidade de reeditar quanto o «Correio do Sul» diz — pois este colega é lido pela maioria dos nossos assinantes, — oferecemos-lhe toda a nossa solidariedade e o nosso veemente apoio nas justas reclamações que apresenta e desejamos que, desta vez, a C. P. consiga encontrar uma solução que não só nos poupe a noite ou não nos inutilize o dia, mas permita ir a Lisboa ou vir ao Algarve, com regresso no mesmo dia.

E' um comércio de especulação desenfreada que, atingindo a exportação, cai, afinal, com todo o seu peso, sobre a lavoura.

O senhor António vende, no café, ao senhor Bernardo, 1.000 arrobas de alfarroba a 23\$00, para entrega em tal data. Como se resolve este negócio? Entregando o sr. António a alfarroba no prazo estipulado a 23\$? Não senhor. Se o produto, pelas vicissitudes não do mercado real, mas do apontado jogo de *bolsa*, sobe para 23\$50, o sr. António limita-se a entregar ao sr. Bernardo 500\$00, ou seja o *lucro* de \$50 por arroba. Se na *bolsa* a alfarroba desce para 22\$00, o sr. António contenta-se em receber 1.000\$ de diferença, a título de indemnização pelo não recebimento da mercadoria.

(Continuação na 4.ª página)

CONTINUAM por resolver os graves problemas que, para a Lavoura algarvia, foram criados pela portaria n.º 14.354.

Se é certo que foi assegurado pela Junta Nacional do Vinho que não seriam exigíveis as guias de trânsito para o figo na área da província, o que é certo é que, porque não foi derogada por diploma de igual força a mencionada portaria, ela mantém-se inteiramente de pé, está em pleno vigor. Assim se qualquer agente da autoridade verificar trânsito de figo de qualquer espécie sem acompanhamento de guia, pode autuar o responsável e não haverá juiz que possa absolver pois por enquanto e felizmente, os tribunais só se consideram obrigados à Lei e não decidem por instruções oficiais ou oficiosas contrárias a um diploma não revogado.

Se se reconhece estar determinada coisa mal, porque não o fazer claramente, corajosamente?

Quanto ao problema fundamental a situação é semelhante, ou melhor, apresentou-se uma solução que de modo nenhum satisfaz.

Foi comunicado aos Grémios da Lavoura que em reunião promovida pela Junta Nacional do Vinho, os industriais de alcool de Torres Novas se comprometeram a adquirir uma parte importante da aguardente de figo existente no Algarve e, na campanha corrente, cerca de 250 000 arrobas de figo destilável para serem laboradas em Torres, por compra directa ao produtor.

Os Grémios da Lavoura reuniram e depois de ponderarem a solução proposta, chegaram à conclusão de que ela não passava de poeira com que a indústria do alcool pretendia levá-la a contentar-se e... a calar-se.

Era preciso que a lavoura, para considerar uma ajuda ou um favor, a compra das 250.000 arrobas de figo, não subisse que esse volume é até inferior ao que a mesma indústria habitualmente compra nos comerciantes, pois são 3.750.000 kg. e no passado ano foram comprados 4.257.163. Que grande favor era feito à Lavoura Algarvia!

E sendo o preço e condições de compra os mesmos que estão estabelecidos para a região de Torres Novas, também não lucra nada com negócio a lavoura da província.

As condições propostas vêm onerar o preço de 60\$00 por peça (30\$00 por arroba) com as despesas de embalagem e transporte que são, a final, a diferença a menos por que o comerciante adquire à Lavoura o chamado figo de caldeira sendo certo que, por esse figo, obtem por vezes, o lavrador, quando a sua escolha não é demasiadamente apertada, um preço que, em parte, cobre a diferença.

Isto porque o comerciante sujeitando o figo a uma revisão, consegue, não poucas vezes, extrair algum figo comestível que, lhe permite elevar o preço da aquisição do figo destilável.

(Conclui na 3.ª página)

A razão das destilarias

Transcrevemos, a seguir, quase na íntegra a exposição de António Neves Pires & C.ª Lda.:

Senhor Ministro da Economia

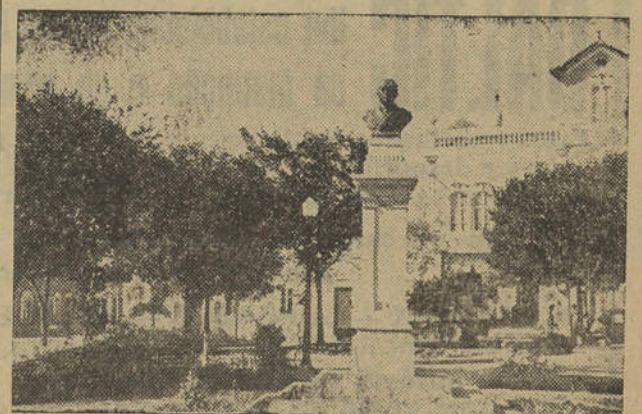
Excelência

A Firma signatária e todos os destiladores de aguardente de figo do Algarve, dirigiram a Sua Excelência o Sr. Subsecretário de Estado da Agricultura, em 5 de Junho de 1953, uma exposição, de que temos a honra de juntar cópia sobre as consequências desastrosas para os destiladores do Algarve resultantes da portaria n.º 14.354 de 27 de Abril último, sem que até à data lhes fosse dado conhecimento da resolução dada às suas solicitações.

Todavia, em face da circular n.º 1086/53 da Junta Nacional do Vinho datada de 6 de Agosto de 1953, foi dado conhecimento aos destiladores do Algarve que: para a província do Algarve, fica suspenso, por determinação superior, o disposto na portaria n.º 14 354, vigorando todavia para o figo e

(Continuação na 3.ª página)

Aspectos da nossa terra



Monumento ao Dr. Ataíde d'Oliveira na Praça Dr. Oliveira Salazar

"Loulé... em retrato"

NESTE tempo de banhos, Loulé apresenta, todos os domingos, um quadro de um colorido e pitoresco impressionante. É a corrida para as camionetas de Quarteira, a fim de apanhar lugar para passar um dia ao sol. A nossa objectiva vai fixar a família A...

O pai, à frente, segura nuns paus de toldo. Camisa amarelinha por fóra das calças, boné de jockey na cabeça, sandálias nos pés nús. O filho segura nos mesmos paus, na parte de traz. Depois vem a mãe e uma filha. Cada uma vai cheia de embrulhos. É a alfofa com roupa para mudar depois do banho, a toalha turca de felpa, um pullover para o caso de a tarde estar fria e o vestido para o caso de haver baile na esplanada e a filha conseguir entrada de borla, à custa da amiga, que está em Quarteira. É o cesto com o almoço, mais acrescentado para dar para o lanche, uma garrafa de vinho e uns bolinhos caseiros.

Chegaram ao ponto de partida — Qual será a nossa camioneta ?

Após ingressarem na multidão de indivíduos que já ali se encontram com o mesmo fim e que, na generalidade, fazem todos as mesmas perguntas, conseguem descobrir o lugar que já estava marcado, de véspera, no terceiro desdobramento. Com mais ou menos jeito tudo se ajeita e lá começa a jornada, que, em geral, se traduz numa conversa em que cada um recrimina aos outros ter-se esquecido disto e mais daquilo. No entanto, como o ambiente é de festa, há mútua tolerância e tudo acaba em bem.

Chegada a Quarteira, é a preocupação da marcação de lugares para o regresso, na qual se perde bem uma ou, às vezes, duas horas. O pessoal vai andando para diante e o pai e o filho ingressam na bicha, porque não querem largar os paus do toldo, indiferentes a o incómodo que isso pode causar ao vizinho do lado, ou da rectaguarda, eles lá estão impávidos, empurrados e empur-

rando, até chegar o momento propício.

Uf! que estopada! Até que enfim! De posse do suado bilheteinho podem ir ao encontro da mãe e da filha que os aguarda lá adiante conversando com a vizinha, que também aguarda.

Depressa, como se tivessem de agarrar o comboio, lá vão à procura de um sitio que se lhes afigure o melhor para instalar o seu toldo. Muitas vezes é o pior. É o que ninguém quize. Mas a uns parece-lhe mau e a outros parece-lhe bom. É a lei das compensações.

Instalado o toldo toda a família se espalha pela areia e começam as observações e os comentários, que vamos tentar gravar!

— Já viste a saia da Maria M...? Que grande toleirona! Está mesmo peneirenta!

— Aquilo não tem graça nenhuma! Na loja do... vendiam daquela porcaria a 10\$00 o metro.

— Já viste a F...? Está deitada alem na areia, ao pé daquele moço de... Tal é aquele descaramento! Ai, a mãe dela tem um tipo tão ordinário!

— Olha lá, pois aquele que está alem não é F...? Mas ele é arquitecto ou escultor?

— Olá! Como está? O papá e a mamã estão bonzinhos? Já há bocado havia dito aqui à Zé, que essa saia lhe ficava mesmo a matar. (A conversa é feita com a menina peneirenta, que se aproximou do toldo).

— Queres dar uma volta?

— Vai, filha vai, a Maria M... é muito simpática e boa rapariga. Não se demorem, pois tens de tomar banho.

O pai assiste a estas conversas, distraído, de papo no areal, entretido a despejar areia de uma mão para a outra. O filho joga à bola, com o menino do toldo lateral. A mamã afôfa-se mais um bocado e saca da bolsa uma amostra de renda que ha muito está começada. Mas a vontade de dar à língua é superior:

— Não gosto nada desta

(Continuação na 6.ª página)

Novos assinantes

REGISTAMOS hoje como novos assinantes os nossos prezados conterrâneos e amigos, cujos nomes a seguir publicamos, para lhes agradecer o interesse pelas notícias e desenvolvimento da nossa terra:

Srs.: José Guerreiro da Piedade e Francisco Augusto de Sousa Ramos, residentes em Buenos Aires; Hilário Martins Gralheira e Manuel Ildefonso Ferreira Cristina, em Lisboa; Francisco Justino dos Santos, Constantino Rocha Amador, José Romão Coelho e José Coelho Junior, em Quarteira; Manuel Arez Martins, no Barreiro; José Maria Martins, em Silves; José António Firmino, Manuel Felício, José Coelho, Manuel Fantazia, em Darlington (U. S. A.); Manuel Viegas de Brito, em Barranco do Velho; José da Silva Claudino, em Albufeira; José da Silva Mendonça, em Santo Amaro de Oeiras; José Coelho Cachola, André Mendes Costa, Francisco Joaquim Martins, António da Costa, em Boliqueime; José António Guerreiro, em Salir; Joaquim Pinto Mendonça, em Almaraz; António Cavaco, na Cortelha; José de Brito Junior, na Malveira - Oeste; José Paulino de Sousa, em Setúbal; José Guerreiro Cercas, em Cercal do Alentejo; Francisco Murta Marum, em Grandola; José Paulino Guerreiro, Francisco Lázaro e Manuel Serafim Leal, em Setúbal; Joaquim Guerreiro Cavaco, em Carregueiro; José Maximiano Guerreiro, em Ferreira do Alentejo; Manuel Francisco Afonso e José Pineque, em Ermidas - Sado; António Guerreiro Neto, José da Piedade Caracol, João Francisco Grosso, José da Palma, Manuel António, António Dias Gomes, José Martins Rainha, José Pedro Pereira, Manuel Gomes, José Lourenço de Sousa, José da Horta, Bráulio Lourenço, Ramalho Viegas, David Martins Custódio, em Loulé; José António Bota, na Franqueada (Loulé); Deodato Tomé Guerreiro, na Tôr; as senhoras: D. Cecília Luiza Centeio Ramos e D. Albertina Dias Pencarinha, em Loulé; Dr.ª D. Maria Arminda Correia Pinto, D. Maria Manuela Ribeiro, D. Rosa Marçal Mendonça e D. Maria Eugénia Guerreiro Viegas, em Luanda; D. Julia Ilidia Gomes Alves, em Uíge (Angola); D. Amélia Semião Rodrigues, na Beira (Africa Oriental Portuguesa); D. Manuela Soares d'Oliveira Castanho, em Queluz; D. Arlete Mendonça Guerreiro, em Lisboa; D. Noémia Ruas, na Moita do Ribatejo; as meninas Maria José Valério e Ofélia Maria Semião, em Lisboa; Maria Madalena Gonçalves Santana, na Ilha de Moçambique e Maria José Pires Portela, na Franqueada; e ainda a Sociedade Recreativa Boliqueimense, Sociedade Recreativa Almarazense e Grupo Desportivo da Tôr.

PRECISA-SE

Parte de casa, no centro de Loulé.

Nesta redacção se informa.

ESTUDANTE

Recebe-se em casa particular.

Nesta redacção se informa.

Malhas em meias

Apanham-se com rapidez e perfeição a preços sem competência.

Fotografia Guerreiro Pa-dre — Loulé.

Hábitos perniciosos DA NOSSA TERRA

HÁ quem diga que saber criticar é uma virtude rara. Iremos muito mais longe nesta posição. Saber criticar honesta, digna e proficiente-mente é uma ciência que, infelizmente, poucos cultivam. A crítica, por mais profunda, exaltada e minuciosa que seja, desde que tenha a conduzi-la um fim probo, decente, de defesa ou interesse colectivo e se proponha atingir ou conduzir à perfeição ou aperfeiçoamento de sistemas, ideias, ou processos de trabalho é, não só útil, como absolutamente necessária e justa. Pode ser irónica, mordaz, por vezes contundente ou perfurante, subtil ou aliciante, espirituosa ou acerada, mas deve ser sem-

pre bem intencionada ou construtiva.

Infelizmente, na nossa terra, critica-se muito, sem qualquer espírito construtivo, sem finalidade objectiva, só por espírito de contradição, quando não, por sentido de demolir inconsequentemente ou denegrir e apoucar a acção dos que produzem ou trabalham em prol e benefício da colectividade.

Discute-se tudo. Aquilo que se desconhece, aquilo que se ouve e diz, numa bisbilhotice chocarreira, irreverente, falha de sizo e tino, desprovida de base séria e de conhecimento, mesmo superficial que seja.

Cita-se ou refere-se determinado objecto, obra, plano ou empreendimento e logo os "inteligentes da crítica" que não sabem, nem sequer estão ao alcance de saber ou compreender da razão de ser, da coisa, lançam a sua opinião ou comentário que julgam muito espirituoso e atrevido, por ter chalaça e servir de gaudío à pasmação dos circunstantes. E, por vezes, esta crítica, sempre audaz e leviana, pode influenciar forasteiros ou pessoas bem intencionadas, que não estejam dentro do problema, ou não possuam

(Continuação na 6.ª página)

A Casa do Algarve no Ultramar

OS algarvios residentes na cidade da Beira (Moçambique), numa atitude que revela o seu amor à sua e nossa província e o reconhecimento dos serviços já prestados pela Casa do Algarve e a sua grande projecção na defesa dos interesses morais e materiais do Algarve, resolveram criar naquela cidade da Africa Oriental Portuguesa uma delegação do nosso Grémio regionalista. Ao Presidente da respectiva direcção, foi esse propósito anunciado pelo seguinte telegrama:

«Os algarvios residentes na Beira, reunidos no seu primeiro almoço de confraternização realizado em Moçambique, cumprimentam V. Ex. e informam ideia assente da fundação, nesta cidade de uma delegação da Casa do Algarve agradecendo toda a futura colaboração nesse sentido. Ardentes votos das maiores prosperidades no desenvolvimento da Casa sede tão sábia-mente dirigida. (a) João Bentes

Congratulamo-nos com a notícia, que constitui mais um índice do ressurgimento do espírito regionalista algarvio, que parecia amortecido dentro e fora da província.

«A Voz de Loulé» felicita os algarvios da Beira e a Casa do Algarve.

DALTIC

Um estabelecimento ao serviço da distinção e do bom gosto

Fatos trabalhados artisticamente para servir gentlemen e desportistas, com o mais requintado gosto na confecção de smokings e casacas de cerimónia.

Um verdadeiro talhe requer um verdadeiro tecido

DESPORTEX — SUPERBUS — PALM BEACH — TELA AMERICANA — CHAMPION

Um notável sortido que ilustra o bom gosto da escolha e da qualidade

DALTIC -- ALFAIATARIA BERNARDO (ao meio da Rua das Lojas)

O FIGO DESTILÁVEL DO ALGARVE

A VOZ DA LAVOURA

A razão
das destilarias

ECOS DE QUERENÇA

Notícias pessoais

(Continuação da 1.ª página)

Dai ser quase regra geral, vender o lavrador o figo de caldeira ao mesmo comerciante que lhe compra o figo comestível e, contra esse hábito inveterado, que aliás se traduz numa vantagem real, é difícil, neste momento, fazer alterações.

Por outro lado, também a Lavoura não tem vantagem em ver elevado o quantitativo, em arrobas, do figo destinado a Torres Novas por ficar privada dos respectivos destilados que, como várias vezes tem sido repetido, constitui, durante 3 a 4 meses no ano, a alimentação do gado leiteiro e dos bovinos de trabalho.

A privação desse disputado alimento, traria não só a diminuição da produção de leite, como além da escassez de gado de trabalho, uma maior acuidade da falta de estrumes indispensáveis à adubação orgânica das terras.

Mantendo-se a exigência do engarrafamento, para o que seriam precisas cerca de 800.000 (quase 1 milhão!) de garrafas, as destilarias não poderão libertar-se das actuais existências que, pelo que representam de capital empadado e de vasilhame imobilizado, as impedirão de laborar.

A menos que haja um milagre de multiplicação de garrafas e que desçam de tal modo o preço do produto, não conseguirão condições favoráveis de trabalho.

A solução estaria pois, na compra da aguardente pelas fábricas de álcool, mas não a preço de exploração.

Os industriais, na tal reunião promovida pela J. N. V. comprometem-se a comprar uma parte importante da existência da aguardente.

Mas o que consideram eles parte importante? Em que condições e sob que preço? Prudentemente, nada precisam.

E se sabemos que um grande industrial de álcool junto dum grande destilador do Algarve procura comprar figo e não aguardente e não obstante o preço desta estar fixado, ao ser-lhe oferecido o produto faz depender a compra do pre-

ço que lhe fôr feito, naturalmente abaixo da tabela, como podemos ficar tranquilos quanto à boa vontade dos industriais na compra da aguardente?

A Lavoura, habituada já às manobras do comércio e da indústria, vê na proposta um encaminhamento de coisas, num sentido que lhe não agrada — vai procurar manter-se o afogamento dos destiladores algarvios, dificultando-se-lhes, até à impossibilidade, a laboração, para que os destiladores do álcool de Torres Novas, que já detêm o monopólio de facto da produção de álcool, ficando sós em campo na laboração do figo, alcancem para si o monopólio da destilação deste fruto algarvio.

Ouvidos em primeiro lugar e sempre, fazendo a J. N. V. encarregada do estudo do problema, depender tudo dos industriais de álcool, parece que só os interesses destes são de considerar.

O problema em questão atinge, crucialmente a Lavoura Algarvia. Não é só um problema de álcool e de aguardente. Porque é então que se não procura conciliar os interesses de todos, convocando-se para o resolver, em vez de meia dúzia de industriais a quem, com a Junta Nacional do Vinho parece ser conferido poder deliberativo e se não ouve simultaneamente e em situação de igualdade a representação da Lavoura Algarvia?

E' efectivamente de estranhar que, havendo boa fé e um regime cooperativo, dentro do qual a lavoura está organizada, o problema que a portaria n.º 14.354 veio criar, não seja ponderado e resolvido pelos Organismos Corporativos interessados na sua resolução, ou, pelo menos que, antes de se tomar qualquer decisão se não colham, em perfeita harmonia de conjunto e igualdade de direitos os elementos, de todas as partes interessadas.

A lavoura não pode deixar de alarmar-se e de chamar a atenção de Sua Excelência o Senhor Ministro da Economia para o estranho caminho que o assunto tem seguido e para o novo monopólio que, habilmente mas com persistência, se visa criar em seu prejuízo.

Isso explica o ponto morto da famigerada fábrica de

álcool do Algez. Conseguiram-se autorização para ser instalada ali, mas para amortecer as reclamações dos algarvios, porque a respeito de obras... o dono do alvará comprou o terreno e... abriu um poço.

Por detrás está, certamente, a indústria de Torres Novas.

Gostamos de chamar as coisas pelos seus nomes, sem eufemismos que ou se destinam a adoçar o trato com senhoras ou servem para esconder falta de coragem.

Concluimos, informando os nossos leitores, que os Grémios da Lavoura não julgaram aceitáveis a proposta da J. N. V. e renovaram o seu pedido de que, não sendo possível no corrente ano e para a decorrente campanha, conseguir se uma solução definitiva, fôsse suspensa a Portaria 14.354 e que Sua Ex.ª o Sr. Subsecretário de Estado para a Agricultura, promovesse uma revisão do problema, em cujo estudo intervenham directa e activamente todas as actividades nele interessadas: — J. N. V.; industriais de álcool, destiladores algarvios e Grémios da Lavoura do Algarve, de modo a que, se elas não chegarem espontaneamente a acôrdo, o Governo fique habilitado a decidir em última instância, com justiça para todos.

Assim, efectivamente, é que estaria certo. Todos são portugueses, todos são titulares de interesses legítimos, todos pagam as suas contribuições e a Lavoura não é, na vida normal do país, a actividade que menos se sacrifica.

Se houve quem, numa inconsciência alcoólica (que, cremos, não resultou da aguardente de figo...) preconizasse o corte das figueiras do Algarve, nós acreditamos ser possível pôr tudo no sã, sem atropelar os interesses legítimos da nossa querida província.

J. R.

Vende-se

Por motivo de retirada: Uma propriedade Monte Estácio, nas proximidades de Almancil, contida por casa de habitação e anexas e terrenos de semente, com bastante arvoredo.

Uma horta nas proximidades de Quarteira com pomar e água abundante.

Quem pretender dirija-se ao proprietário — Manuel Francisco Guerreiro — Monte Estácio — Almancil.

Para um bom trabalho tipográfico Prefira a GRÁFICA LOULETANA

aguardente que sair dessa província, e que, na mesma província é dispensada a guia de trânsito para a aguardente de figo.

Ora, o regime agora estabelecido, mais vinca a grave e prejudicial situação em que se encontram os destiladores algarvios.

Na verdade, uma vez que dentro do Algarve não são necessárias guias para o trânsito de aguardente, cria-se uma situação que estimula e favorece a saída clandestina de aguardente de figo do Algarve, alimentando-se o destilador menos escrupuloso, em prejuízo dos que querem cumprir o legislado, originando assim uma concorrência verdadeiramente desleal.

Pouco depois da publicação da predita portaria, a Junta Nacional do Vinho pela sua circular n.º 654/53 de 16 de Maio de 1953, dava conhecimento aos destiladores dos nomes das 5 fábricas de álcool que actualmente são detentoras do monopólio da produção de álcool, a quem aqueles se podiam dirigir para efeito da colocação das quantidades de aguardentes existentes e das que viessem a produzir-se nas campanhas futuras.

Parecia assim que se estabelecia um regime em que os destiladores de figo do Algarve encontravam nas fábricas de álcool único comprador seguro e firme das quantidades que destilassem.

Acontece porém que as referidas fábricas, sob variados pretextos, desde a falta de capitais até à falta de espaço, se têm recusado a comprar as aguardentes de figo do Algarve, apareceram contudo a comprar interessadamente figo para destilar, oferecendo todas as facilidades para comprar qualquer quantidade.

Estabelece-se pois uma situação que não pode deixar dúvidas a ninguém.

Os fabricantes de álcool que detêm já o monopólio da produção de álcool, preparam-se ao abrigo da portaria n.º 14.354, para ficar também com o monopólio da destilação de figos, visto que, não podendo os destiladores do Algarve encontrar colocação para a aguardente produzida, a consequência imediata é não destilarem.

Assim, os destiladores do Algarve fecharão as suas portas com incalculáveis prejuízos, quer para a lavoura que também necessita da massa destilada para os seus gados, quer para o comércio e economia da província, em

Encontra-se passando alguns dias na sua casa de Querença a sr.ª D. Emília do Nascimento Mealha, esposa do nosso amigo e conterrâneo sr. Dr. Quirino Mealha, Director da F. N. A. T. e dos Serviços Sociais do Ministério das Corporações, bem como seu filho Quirino do Nascimento Mealha, que este ano completou o 5.º ano dos Liceus com distinção.

Também tem estado a veranear em Querença, a sr.ª Dr.ª D. Maria Odete Leonardo, ilustre algarvia que na Casa do Algarve em Lisboa, tem desenvolvido grande actividade em prol da nossa província.

Também em goso de férias têm estado entre nós, o estudante universitário Manuel Lourenço T. Faísca, e os estudantes liceais Maria do Carmo Guerreiro, Isaura Guerreiro dos Santos e Manuel Martins Mendes.

Esteve entre nós o nosso particular amigo sr. Manuel Contreiras Guerreiro, furriel da aeronáutica, que veio gozar curta licença junto de sua família.

De visita a sua família, esteve entre nós com curta demora, o nosso ilustre conterrâneo sr. Dr. Quirino Mealha.

C.

benefício exclusivamente dos produtores de álcool a quem é dado por tão simples maneira o monopólio da destilação de figos, favorecendo-se e facilitando-se ao mesmo tempo a saída clandestina do Algarve de certa quantidade de aguardente.

Não pode, Sr. Ministro, manter-se tão estranha situação, embora involuntariamente criada e urge dar solução compatível com os interesses e direitos já criados, e que à signatária parece fácil encontrar.

De facto, a solução mais harmónica com tais interesses, crê-se ser a de manter-se a guia de trânsito para aguardente de figo mesmo no Algarve, como existia anteriormente à portaria n.º 14.354, cuja dispensa parece até que ninguém pediu, e ao mesmo tempo impôr-se às fábricas de álcool ou à Junta Nacional do Vinho a obrigatoriedade da compra das aguardentes produzidas pelos destiladores do Algarve.

Assim se fará justiça e se evitará que mais um monopólio seja estabelecido a favor de 5 fabricantes de álcool, com prejuízo do País inteiro.

A firma signatária, há mais de 25 anos destiladora, é a maior do Algarve e corria no superior espírito de V. Ex.ª e no altíssimo sentido de justiça que em tantas emergências V. Ex.ª tem manifestado, para que providências sejam dadas para restabelecer a justa posição das actividades em respeito pelos interesses criados, dando a cada um o que a cada um pertence.

Faro, 14 de Agosto de 1953

a) António Neves Pires & C.ª L.ª

Ao serviço da hora exacta

Fernando Laginha & Irmão, L.ª

Ourivesaria ■ Relojoaria ■ Joalharia

A casa que V. Ex.ª deve preferir, pela diversidade do seu sortido e modicidade dos seus preços

Agentes oficiais dos afamados relógios **ESKA**

Rua 5 de Outubro, 51-53

LOULE

Voz Desportiva

O ciclismo louletano conta com um novo clube

A equipa de Amadores do Atlético venceu os 70 kms, da Luz de Tavira

SEM alardes de publicidade, quase silenciosamente, o «Atlético» de Loulé surgiu no desporto do pedal, com êxito. Pode-se afirmar que entrou com o «pé direito» na modalidade. Logo na primeira prova a que concorreu — 1.º festival de pista no Algarve efectuado em Tavira — triunfou em iniciados e amadores por intermédio do seu jovem corredor Jorge Viegas, de Santa Catarina. Nas restantes corridas de pista e estrada, em que participou, tem a sua equipa demonstrado óptima presença e os resultados conseguidos acusam, neste momento, 5 vitórias — 2 em estrada e 3 em pista. José Custódio (Venerandas) — uma realidade em amadores e um bom independente em breve porvir — já conquistou 2 provas em pista e 1 em estrada.

Com o pensamento no futuro e com uma equipa jovem — 5 dos seus actuais corredores têm à volta de 18/20 anos — pode o «Atlético» confiar esperançosamente em ser bem sucedido na sua iniciativa, do que beneficiará a própria modalidade, carecida, como está, da renovação dos seus valores, que no passado tanto prestígio legaram ao desporto algarvio.

Para este custoso trabalho em profundidade — criar valores, descobrindo-os, amparando-os e aperfeiçoando-os — muito deve já o clube da camisola alvi-negra a um grande entusiasta e antigo praticante do ciclismo de competição: Joaquim Guerreiro Luz, que nos Gorjões atica e mantém viva a fogueira das novas unidades do Atlético louletano e estimula e aconselha os iniciados que despontam habilmente para as lides desportivas com a «fada de aço».

Com bastante entusiasmo e muita afluência de público, promoveu a Casa do Povo da Luz de Tavira, no passado dia 15, uma corrida em estrada, para amadores, num percurso de 70 kms. em linha (as nossas contas acusaram a volta de 80 kms. percorridos no tempo de 2 h. e 14 m., à média de 35, aprox.) com a participação de 16 corredores representando o Louletano, Olhanenses, Vitória de Faro, Atlético de Loulé, além de indivíduos de Tavira, Luz e outras localidades.

A atracção da prova girou à volta de 2 novos recrutas dos «negros de Loulé»: o amador francês do

clube «Ille de France», de Paris, Guenzi e António Francisco (Adegas), de S. Tiago de Cacém, vencedor da «Volta ao Alentejo» de 1952 e um dos favoritos na mesma «Volta» deste ano. O primeiro, quando em fuga isolada para a meta, viu os seus planos contrariados por salto da corrente e o alentejano, ao faltarem 5 kms. para a abalada final, sofreu uma queda aparatosa, da qual, depois de ter concluído a corrida, foi socorrido num posto-médico do organismo organizador da prova que, diga-se de passagem, é excelente, como excelente são todo o aspecto e organização daquela magnífica Casa do Povo. José Custódio (Venerandas), um futuro ídolo da bicicleta no Algarve e um dos maiores favoritos nesta corrida, teve de desistir por avaria grossa na máquina, quando faltavam 3 kms. para o seu terminus. Apesar de todas estas contrariedades, os restantes corredores do Atlético souberam defender com brios a decisão a falta dos seus melhores colegas de equipa e acabaram por vencer a prova. Juvenal Silvério, de Santa Catarina, — mais popularmente conhecido por «Juva» e um «novo» cheio de fé e vontade — surpreendeu-nos com a sua magnífica ponta final precedida duma embalagem longa e vigorosa em despique cerrado e empolgante com o olhanense Soares Bárbara, filho.

Classificação individual: 1.º Juvenal Silvério, Atlético de Loulé; 2.º Soares Bárbara Junior, «Olhanenses»; 3.º Raul Pinto, Atlético de Loulé; 4.º Jorge Viegas, Atlético de Loulé; 5.º António Francisco, Atlético de Loulé.

Por equipas venceu o Atlético, conquistando os seus corredores, entre vários prémios, a taça da prova.

Dos 5 «sprints» oficiais com prémios, 4 foram ganhos pelo Atlético, bem como o prémio de passagem em Alfandanga.

Um apontamento final digno de registo: parabéns ao júri de chegada pela sua honestidade em classificar aquilo que viu e não o que ouviu.

J. Torres

Empregada

Para estabelecimento comercial, precisa-se.

Nesta redacção se informa.

ECOS DE ALTE Futuro negro

para a Lavoura Algarvia

(Continuação da 1.ª página)

Quer dizer, negociaram-se 1.000 arrobas de alfarrobas sem que num só destes frutos se bulisse...

E é assim para a alfarroba, é assim para a amendoa e é assim para tudo.

Estes preços de especulação, variáveis não com o mercado efectivo, mas segundo o palpite do jogador, influem manifestamente no mercado. O lavrador retrai-se jogando na alta, levado pelo «poker» dos cafés e não vende e o exportador, aquele que, na verdade deseja vender alfarrobas e não títulos ou vales, ou não compra ou, se se aventura, não consegue escoar o que adquiriu por, no mercado internacional, a concorrência dos outros com mais juízo, provocar cotações que não permitam cobertura.

E a mercadoria vai ficando! E os mercados vão fugindo.

Porque é que, por exemplo, é tão difícil colocar a amendoa do Algarve, de que em 1952 se exportou tão pouco, e o Douro consegue fazer sair quantidade superior à nossa?

Pondo de parte que na amendoa saída do Douro muita fale espanhol (só assim será explicável tão grande produção) o quadro seguinte elucida nos suficientemente:

Amendoas exportadas

| Anos | Algarve | Douro |
|------|------------------|----------------|
| 1949 | 3.224.103 quilos | 688.496 quilos |
| 1950 | 3.415.620 » | 482.946 » |
| 1951 | 2.866.489 » | 1.244.174 » |
| 1952 | 1.878.617 » | 2.032.082 » |

A consequência de tudo isto é não se movimentar a mercadoria, não obstante os muitos negócios da bolsa, e perderem-se os mercados.

E, quando extinto o fogo sagrado que ainda aquece alguns exportadores, a lavoura algarvia, que hoje está a ganhar com a ficção reinante, ver-se-á a braços com a maior crise que já mais sonhou.

E' sobre isto que o relatório do Grémio diz: Não pode dar solução ao que é insolúvel. como o médico não pode restituir a saúde quando ela estiver perdida e só nas mãos de Deus esteja a vida.

Parece nos que é exactamente a isso que ao Grémio, criado para disciplinar e coordenar as actividades dos respectivos agremiados, cumpriria dar solução, chamando à pedra os jogadores do «poker» dos frutos do Algarve, reprimindo esta ilegal e imoral forma de comerciar, na defeza da própria exportação, sem deixar de fora os exportadores que, até certo ponto, sancionam e protegem aqueles, dando-lhes o que em calão da classe, se chama cavalagem.

A lavoura cumpre defender-se e se os exportadores, seus auxiliares naturais, resolvem comer se uns aos outros como os grilos da patagónia, demos nós o nosso grito do Ipiranga.

Pensemos, a sério e com ânimo, num organismo nosso, numa Federação de Grémios, por exemplo, que, com o auxílio financeiro, pelo menos inicial, do Estado, adquira a produção e promova a sua exportação.

Se assim não fizermos será um triste sonho do passado a riqueza frutícola do Algarve, com graves prejuízos para a economia nacional.

O Grémio confessa a sua impotência.

Tem a palavra a Lavoura cujos alvitres a «Voz de Loulé» gostosamente registará, patrocinando ardentemente o que, afinal, fôr julgado melhor.

J. R.

Se deseja um fato bem feito

prefira a

Alfaiataria DANDY

na certeza de ficar bem servido

António da Costa Fernandes

Praça Doutor Oliveira Salazar (vulgo Largo de S. Francisco)

Para bons trabalhos tipográficos

prefira a

Gráfica Louletana



Telefone 142

Transportes
«VAMOS ANDANDO»

de

Bráulio Lourenço

Encarrega-se de todo o serviço de transportes em Automóveis, ao quilómetro e à hora, para todo o País

LOULÉ



Praia de Quarteira (contra-luz)

QUARTEIRA

O NOSSO velho amigo e ilustre louletano, sr. Dr. José António Madeira, neste mesmo lugar, já descreveu largamente e com extraordinário brilho, todas as reivindicações a que a famosa Praia de Quarteira tem jus, espraçando se sábia-mente sob o ponto de vista histórico e cultural, terminando por confiar no simbolismo característico e proverbial do bairrismo louletano, como elemento primordial para a sua prosperidade, elevando a no conceito turístico do País como uma das melhores praias algarvias.

Toda a descrição do Dr. Madeira é da máxima utilidade tornar se em realidade, para que os louletanos vindouros vejam bem o alto nível a que chegou a sua praia, em confronto com o passado—no interesse da colectividade, em geral.

Então, como louletano, não podemos fugir à tentação de escrever qualquer coisa sobre a Praia de Quarteira, embora este momento seja de comoção pelas saudades da nossa mocidade aqui passada.

Quando, aqui há cinco ou seis décadas, Quarteira não passava de uma povoação ou, por outra, de um pequeno aglomerado de casinhas e cabanas de pescadores, quem havia de dizer que mais tarde seria uma esplêndida e famosa estação balnear. Mas ainda não chegou ao seu fim, pois que as suas reivindicações não chegaram ao termo a que tem direito como muito bem o diz aquele ilustre engenheiro geógrafo. Com o tempo—e este não virá muito tarde—havemos de ver os seus «habitués», seus hóspedes de qualidade, cheios de alegria efusiva, os seus magníficos lugares de recreio e diversão mais altamente povoados, como já hoje se vai vendo, de vestes adequadas, mesmo num ambiente artificial, mas imponente, que justificará a sua fama regional e que já hoje chega a quase todo o Baixo

Alentejo, como bela e económica estância balnear. A ridente povoação a nima-se a cada vez mais, e o seu comércio tornar se á mais progressivo por efeito da afluência de novas vagas turísticas da classe média.

Se, acaso, estes conturbados tempos melhorarem, dando aso a uma completa ordem e paz de espírito, havemos de vir na época própria, a bela praia ainda mais povoada das melhores famílias algarvias e alentejanas e, qu'á, da Andaluzia, devido à amenidade do clima e pela sua reputação regional.

Quarteira, depois de ter conhecido a desolação e a pobreza de outros tempos, é já hoje uma das melhores praias do Algarve. Os seus magníficos lugares de recreio, bem iluminados, são da maior utilidade para a alegria do espírito, mas estamos vendo que mais tarde serão pequenos para comportar a animação que a época balnear proporciona a quem queira gozar da letargia. Outras estâncias congêneres, não mais belas porventura, mas beneficiando de certas novidades sedutoras ou dos caprichos da mais alta moda, tiram-lhe realmente alguma preferência. Tempos virão em que a preferência de tu istas será conduzida para esta praia do sul do País.

A frequência, cada vez maior, que se nota de ano para ano, em Quarteira, não será, por certo, tão requintada como por exemplo Monte Gordo ou Praia da Rocha; mas parece, todavia, que começa a ser mais numerosa.

Não é, porém, apenas no que se refere aos frequentadores que o aspect da praia de Quarteira sofreu algumas modificações sensíveis. Estes modernos tempos trazem também ombria costumesiras que outrora não existiam num povo amado a uma mais bl e suave tradição da vida, e que esta praia ainda maném.

Quarteira procura, aliás legitimamente, na nova fase

Ciclismo em TAVIRA

COM uma boa enchente (o público de Tavira continua a demonstrar preferência pelo desporto do pedal), realizou o Louletano mais um programa de pista que agradou, sobretudo pela luta desenvolvida pelos iniciados e amadores, que foram sempre enérgicos e entusiastas.

As 100 voltas dos independentes foram dominadas completamente pelos sangalhenses que exibiram forte superioridade técnica e uma classe à parte sobre os seus competidores.

Tacticamente os representantes algarvios evidenciaram se pela sua «inocência», sobretudo Palmeira, que acabou por arrazar na perseguição movida a um próprio colega da equipa: Inácio Ramos, que se tinha isolado juntamente com António Maria.

António Maria e Alves Barbosa foram os «grandes senhores» do festival velocipedico em Tavira.

Banco Português do Atlântico em LAGOS

COM justificada satisfação para o meio comercial de Lagos, inauguraram se, no passada dia 24, naquela cidade, as instalações da Agência do Banco Português do Atlântico.

Porque a existência desse estabelecimento de crédito muito facilita o comércio lacobrigense e porque o facto denota como se tem desenvolvido a organização bancária de que depende, felicitamos Lagos e o Banco Português do Atlântico, a quem agradecemos o amável convite para a inauguração da sua Agência.

PALHA

Enfardação mecânica com 3 arames. Mais de 30 kilos a 3\$00.

Vende Domingos Costa—Ferreira do Alentejo.

de movimento e prosperidade que se acentua, criar um ambiente acolhedor e agradável, que não é forçado, porque corresponde a inteira, sincera e humana deliberação de fazer esquecer depressa um passado ainda próximo de desleixo e incuria. Quarteira moderna, faz esquecer, diante dos olhos das gentes antigas, os vestígios de outros tempos, no referente ao progresso material que hoje se nota.

Manuel F. Contreiras Júnior

Externato - Colégio Infante D. Henrique

Avenida José da Costa Mealha

LOULÉ

Ensino Secundário

1.º e 2.º CICLOS

Currente calamo

Retratando...

— «Há três espécies de mulheres neste Mundo: a mulher que se»...

A minha chegada interromperá o solilóquio.

Estirado sobre uma soporífera poltrona, o meu amigo lia Garrett e lançava o olhar, despreocupado e vago, alternadamente, para uns bonecos da parede e certa fotografia sobre a mesa de trabalho.

Parecia agora interessado, de um modo muito particular, por aquelas palavras do romance de Joaninha.

Sentei me e aceitei um cigarro. Enquanto não iniciávamos o assunto que ali me trazia, cavaqueámos e fumámos.

E' que, muitas vezes, o fumo faz nos uma desprendida sensação de elevação espiritual, talvez pelas suas caprichosas espirais, talvez pela ténuidade da sua exótica presença. Fisiologicamente, poderão os seus efeitos ser péssimos; mas psicologicamente são, sem dúvida alguma, muitas vezes esplêndidos.

Tal acontecia naquela ocasião; e a conversa, estimulada pelo tabaco, por longo tempo se estendeu.

Trocámos impressões sobre o autor de «Frei Luís de Sousa»—vinha a propósito. Mas mesmo a despropósito—ou talvez não!—falámos a seguir de certa menina de lindos olhos amendoados, que nós bem conhecíamos.

Conversa de rapazes... Passámos, por nítida associação de ideias, a esse Algarve tão querido e tão distante: amendoas e flor, lindo Céu e lindo Sol, o Mar, a epopeia dos Descobrimentos...

E mais, muito mais. Num cortejo de interessantes imagens (pessoais e impessoais), ferlu a nossa atenção benévola, paciente, nhecimento.

toda a série de impressões que a última estada no Algarve nos deixara profundamente gravadas no cérebro e no coração...

Maquinalmente, correram-me pelos dedos as páginas afectuosas do jornal da nossa terra.

E certa frase célebre, creio bem que atribuída a Wood, passou me pela mente, num fugacíssimo instantâneo, quando um tal retrato me chegou ás mãos: «Seja graciosa ou não seja, a verdade é a melhor coisa que podemos ouvir».

Referindo-se a uma das mais aliantes questões do momento que ora se vive, este pensamento aplica-se de uma maneira clara e perfeita, à expressão captada—num ajuste real ou fictício—pela objectiva do fotógrafo!

... Mas o filtro foi deveras convincente: senão, pergunte-se aos figurantes se a verdade (nua e crua, indiscreta e maldizente) é, sempre, «a melhor coisa que podemos ouvir»...

Por outro lado, é Vieira que nos lembra que «o melhor retrato de cada um é aquilo que escreve»...

Coimbra, Junho de 1953.

R. Gesmo

Agradecimento

A família de Georgina, Amélia da Silva Laginha, não lhe sendo possível por desconhecimento de moradas, agradecer directamente a todas as pessoas que por ela se interessaram, durante a doença, às que se incorporaram no funeral e a quantas compartilharam do seu desgosto, aqui lhes expressa a maior gratidão e indelevel reconhecimento.

Volta ao Algarve em Bicicleta

Em 4 E 5 DE OUTUBRO

Uma organização do Atlético de Loulé de colaboração com a Comissão Municipal de Assistência local

"LOULÉ... Comarca de Loulé em retrato" Secretaria Judicial ANUNCIO

(Continuação da 2.ª página)

Maria M... E' muito tola e uma delambida! Faz um atirador danado àquele moço que está empregado à do... Não te lembras daquelle que andava atrás da nossa Zé?

— Olha, mulher, o que eu tenho é já fome. Dá-me lá aí uma filhó do cabaz.

Sacudidas as mãos, batidas as palmas, lá f'hi consumida, quase de um t'ago, a filhó amarela, loirinha.

A mamã levantou-se, abriu a sombrinha e desceu para a beira-mar a ver o banho da filha. Entretanto, o papá foi ao saco, despejou um decilitro e tirou mais uma filhó. Voltámos depois do almoço com a objectiva.

O papá de papo para o ar dorme com a cabeça encostada à alcofi da renda. O menino dorme com a cabeça em cima da bola de borraça. A mamã continua com a renda na mão, mas entretida a dar cabeçadinhas de sono. A menina foi para a esplanada ou para o café, com a Maria M... de quem se fez muito amiga.

A' seis da tarde, arrumadas as coisas, a família levanta ferro, desarma o toldo e incorpora-se na corrida para as camionetas que tem suas afinidades com o espectáculo da manhã.

No regresso o aspecto já não é o mesmo.

As forças vêm alquebradas. O cansaço de um dia de folga, passado à sombra, é manifesto. O pai dormita. A mãe ralha com a filha porque demorou muito tempo na esplanada. O menino vem descalço e de sandálias na mão.

Chegam a Loulé e lá vão pela ordem da partida... O pai à frente segurando os paus do toldo, atrás o menino segurando na outra ponta, etc., etc.

Reporter X

Pelo Juízo de Direito da Comarca de Loulé, 2.ª secção, correm éditos de 30 dias, citando Maria de Sousa Dias, casada, doméstica, ausente em parte incerta do Brasil, tendo tido o seu último domicílio conhecido no sítio da Piedade, freguesia de S. Sebastião, desta comarca, para no prazo de dez dias, a contar da segunda publicação deste anúncio e depois de decorrida a dilação dos éditos, impugnar o valor ou a idoneidade da garantia dada por seu marido João Martins Cavaco, a fim de poder levantar da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência a quantia de 5.786\$60, proveniente de tornas depositadas no inventário orfanológico a que se procedeu por óbito de Manuel de Sousa Dias, residente que foi no sítio da Renda, freguesia de S. Sebastião, sob pena de ser logo julgada a idoneidade da caução oferecida.

Loulé, 27 de Julho de 1953

O Chefe da 2.ª secção,

António Ilídio A. da Veiga
Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Arnaldo dos Santos Lança

ARRENDAR-SE

Olaria, em laboração. Tratar com Pinto & Pereira, Av. José da Costa Mealha — Loulé.

CASA

Vende-se uma casa de 1.º andar situada na Rua Martim Farto, 1.

Tratar com António de Brito Bota — Loulé.

MOBÍLIAS AOS MONTES!

e móveis avulso em qualquer estilo!

Grande colecção de lustres e candeeiros

Artigos de decoração

Passadeiras ■ Colchoaria

Carpets ■ Tapetes

Oleados ■ Pergamoides

Malas de todos os tipos

Cadeiras para praia

Capachos «Cairo» para automóveis ■ Berços

Artigos para embelezamento do lar

Tudo por preços fora da concorrência

nos Grandes Armazens da Avenida

PINTO & PEREIRA

Telefone 83

LOULÉ

VENDE-SE

Terreno para construção com 749 m.2 com frente para as Ruas Padre António Vieira e Projectada.

Informa esta redacção.

PENSÃO MONUMENTAL

Optimos quartos com água corrente. Serviço de bom hotel e diárias desde 40 a 50\$00

Rua da Glória, 21

Telefone P. B. X. 29807
L I S B O A

PELICULAS

da afamada marca alemã

AGFA

ISOCHROM

VENDE A

Fotografia Guerreiro Padre

LOULÉ

TUBAGENS

Tubos de aço para caldeiras

Suecos de origem

Aos melhores preços

Importador-armazenista

A. Albuquerque

Rua Caldeira Cévola n.º 228

Telef.: 53090

P O R T O

CIMENTO

VENDE

Manuel da Costa & Brito, Lda

R. de S. Mamede, 22-D. (ao Caldas)

L I S B O A

Colchoaria OLIVAL

Execução perfeita de todos os trabalhos de

Colchoeiro — Estolador

Venda de Sumauma, Crina, Palha de milho, etc.

Confecção de estofos para automóveis

Alvaro Guerreiro Olival

Rua de Portugal, 45

LOULÉ

António Francisco Contreiras

Agente da Lusalite
Depósito de Madeiras

Materiais de construção

Serviço de Transportes de carga

Cimentos ■ Lava-roupas

em cimento armado

TELEFONE 40
LOULÉ

CAFÉS 3 CASTELOS

O MELHOR

ENTRE OS

MELHORES

(lotes com cafés seleccionados)

Compre-se

morada de casas que seja situada dentro da vila.

Nesta redacção se diz.

Raul Pinto

CASA DOS ÓCULOS

(A grande amiga dos seus olhos)

Direcção técnica de profissional especializado em Optica Médica numa das melhores casas do Porto

A casa onde comprará melhor e por menos dinheiro

FIXE BEM — CASA DOS ÓCULOS

Rua Dr. Oliveira Salazar, 27 F A R O

(Vulgo Rua Baleizão)

Um louletano ao serviço da Optica

Para boas fotografias



UTILIZE Agfa

A película que ensina a fotografar

Máquinas - Rolos - Papéis

Agfa

A' venda no revendedor autorizado

J. GLÓRIA

Praça da República, 96-1.º
LOULÉ

ISOPAN ISS 2.011 Um amador exigente deve confiar os seus trabalhos a

FOTO LOULETANA

Revelações - Cópias - Ampliações

Entrega rápida • Máxima perfeição

Para uma boa fotografia prefira a

FOTO LOULETANA

Voz Desportiva (5) Uma fotografia é uma lembrança

Uma série de artigos sobre ciclismo, por J. TORES

(Conclusão)

Aprender a reagir contra os habituais desfalecimentos—o inimigo físico n.º 1 dos ciclistas—é muito importante e imprescindível. Aquele que nunca consiga dominar essas crises passageiras já mais será um campeão.

Trepar, e muito, também deve fazer parte da preparação dum corredor completo, depois de estar bem rolado. A teoria em voga de que quem rola bem trepa bem, é um erro crasso. Copi e tantos outros trepadores eximios dedicam dois treinos fortes por semana, nas proximidades duma «volta», escolhendo montanhas e distâncias de respeito, para o efeito.

Os pisos dos percursos também devem ser seleccionados. De preferência, a escolha deve recair sobre estradas de macadame e paralelepípedes, mesmo em péssimas condições, para ganhar «endurance» física, sobretudo renal. Os campeões mundiais de velocidade escolhem sempre estradas ruins para se treinarem, muito embora disputem as suas provas em pistas excelentes. Para se evitar desgaste de material e para se conquistar resistência física e muscular, a máquina deve ser equipada com pneus ou tubos pesados. O tubo pesado é até aconselhável usar-se em todos os treinos, mesmo em boas estradas de asfalto.

A apontar os tempos gastos e os quilómetros percorridos, calcular as médias horárias e fazer os estudos necessários até se atingir o

tempo ideal sem ter já de empregar se os esforços anteriores, deve predominar na ideia dos ciclistas como um ótimo elemento auxiliar.

Treinos matutinos e almoços substanciais

Convém também anotar a posição ou força do vento e, de preferência, fazer as saídas de manhã, tornando o pequeno almoço mais abundante, para ir preparando o estômago e todo o organismo às saídas matinais do Porto-Lisboa e do «giro» ao país.

Os três principais órgãos geradores das energias motoras—coração, pulmões e estômago—não devem ser descuidados e uma vigilância médica é sempre recomendável, ouvindo e seguindo com atenção todas as prescrições aconselhadas.

O coração, normalmente muito dilatado em corredores já muito andados, é o órgão mais delicado e que mais atenção deve merecer.

Copi, Bartali, Roblet, Kübler, Bobet e tantos outros grandes ases, não alinham numa «volta» sem ouvirem primeiro os conselhos dos seus médicos. Bartoli é um dos corredores mais espantosos neste aspecto. Diz-se ter um coração dum boi! É um todo unido em cima da máquina, procurando, com uma boa posição, evitar movimentos demasiadamente bruscos ou impetuosos que originem esforço superior para o trabalho deste delicado órgão. Evitando, sempre que pode, a «demarração», o velho Gino sabe que é com a saída seca, forte e impulsiva dos esticões, que se arrasa mais.—E quantas centenas de esticões se dão numa «volta»?!

Há muito mais para dizer numa modalidade fácil de ver mas difícil de dirigir e compreender, mas, por agora, fixemos este ponto:

«Andar pouco mas depressa deve ser a finalidade treinadora de todos os corredores bem rodados».

ANUNCIO

No dia 7 do próximo mês de Setembro, pelas 11 horas, no estabelecimento do falido José do Carmo Lopes, sito nesta vila, na Rua 5 de Outubro, n.ºs 69 e 71, vai à praça, por metade do valor da avaliação, o direito ao trespassse do mesmo estabelecimento (com inclusão do direito ao arrendamento, de todo o recheio e dos créditos). Este direito foi avaliado em 12.804\$00.

Loulé, 17 de Agosto de 1953.

O Administrador da massa falida, Geraldo dos Santos Estevens

O Sindico,

António José de Sousa Magalhães

Prefira sempre os saborosos Cafés 3 CASTELOS

O melhor entre os melhores

TRESPASSA-SE

Estabelecimento comercial, bem localizado.

Nesta redacção se informa.

IMORREDOIRA

para quem a possue

Na fotografia

GUERREIRO PADRE

tiram-se as mais belas e artisticas fotografias

MOTORES Terrestres e Marítimos

A PETRÓLEO — A GASÓLEO

das melhores marcas e aos melhores preços

Em exposição no estabelecimento

DE José Reinaldo Gomes Pacheco

R. Ferreira Neto, 23 - Telef. 495

FARO

Chá Li-Cungo

Queira dirigir os seus pedidos aos agentes:

União de Mercarias do Algarve, Limitada

Telefone: 22
LOULÉ

Lagar de Azeite e Terreno com Oliveiras VENDE-SE EM ALTE

Lagar de prensas hidráulicas, com 6 depósitos em ferro zincado e restante vazilhame.

Optima instalação e bem situada.

Informações detalhadas: **Farmácia Pinto — Loulé.**

CERVEJA VENDE

União de Mercarias do Algarve, L.ª

Telefone 22
LOULÉ

Terreno para construções

Vende-se, na Campina de Cima (Quinta de Betunes), junto à estrada Loulé-S. Braz de Alportel. Tratar com M. Brito da Mana — Loulé.

Aos Senhores

Livros de recibos para rendas de casas, vendem-se na Gráfica Louletana (próximo ao Teatro)—Loulé

PERSIANAS



Agente

Manuel de Sousa Ignês J.º
Avenida José da Costa Mealha
(Em frente ao Teatro) **LOULÉ**

DR. CUPERTINO COSTA

MÉDICO

Consultas das 9 às 11 e a partir das 15 horas

Consultório Residência } Av. José da Costa Mealha, 82—LOULÉ

Telefone 206

Tecidos pretos



Praça dos Restauradores, 13-3.ª — Tel. 30876 — LISBOA
(Tem elevador)

Único armazém do país especializado em lanifícios pretos para homens, senhoras, clero, seminaristas e ordens religiosas. Superiores qualidades aos melhores preços. Envia-se amostras.

CARBOLINIO

para conservação de madeiras

COLTÁCO

Cola a frio para tacos de madeira para pavimentos

Distribuidor Geral: **Fábrica Móra Féria**
Telefone 7 **ALHOS VEDROS**

Rafael Almeida Santos

R. DIOGO CÃO, 20 - ÉVORA

Trata de toda a documentação para AUTOMOVEIS, MOTORISTAS e candidatos a CONDUTORES



A AGÊNCIA MAIS CONHECIDA NO SUL DO PAÍS

TELEFONES { Escritório 2206
Residência 2768

FALECIMENTOS Festa de beneficência em Quarteira

No passado dia 18 de Agosto faleceu nesta vila, a sr.^a D. Gertrudes Costa Ramos, casada com o sr. Armando Lázaro dos Ramos, industrial de curtumes.

A finada que contava 64 anos de idade, era mãe das sr.^{as} D. Maria Armada Costa Ramos Pinto, esposa de sr. Dr. Júlio Correia Pinto; D. Maria da Assunção Ramos Vitorino, esposa do sr. José de Sousa Vitorino, comerciante da nossa praça, e D. Maria Luiza Ramos Pedro, esposa do sr. Manuel de Sousa Pedro, funcionário da Agência do Banco do Algarve nesta Vila e do sr. José da Costa Faisca, curtidor de peles.

Após prolongado e doloroso sofrimento, faleceu nesta vila, no passado dia 17 de Agosto, com a idade de 42 anos, a sr.^a D. Maria Mendes Guerreiro Matias, casada com o sr. Joaquim Alves Matias, mãe da menina Aida Mendes Guerreiro Matias, irmã da sr.^a D. Gertrudes Mendes Guerreiro e do sr. António Mendes Guerreiro e cunhada do nosso assinante sr. Bráulio Lourenço.

A's famílias enlutadas, apresenta «A Voz de Loulé» sentidas condolências.

ECOS DO AMEIXIAL

Parece que não foi sem razão que nos últimos ecos chamámos a atenção para o estado em que se encontrava a fonte pública desta localidade. E a prova de que a necessidade de limpeza é constantemente renovada está em que, depois de 15 de Agosto já a Junta de Freguesia mandou limpar e caiar a nossa fonte por duas vezes.

A nossa anterior correspondência deu lugar a reparos que nos parece não terem sido justos, já porque efectivamente não faltávamos à verdade, já porque não nos movem outro intuito senão o de desejar que a nossa aldeia progreda e se apresente no estado de aceio que merece uma povoação que é a porta de entrada do concelho e do Algarve.

Seja como for, nem as críticas nem as palavras ásperas com que nos visaram pessoas contra quem, aliás, nenhuma, má vontade nos move, quer pessoalmente quer pelas funções que desempenham, nos farão calar, nas justas reclamações que entendamos dever fazer a favor da nossa freguesia.

Ameixial, 24-8-53

A. T. Teixeira

MOLDURAS e objectos decorativos em bronze

Veja o grande sortido na

FOTOGRAFIA Guerreiro Padre

CEMPEXO



UMA GRANDE MARCA DINAMARQUESA

Recomendada para pinturas de interiores e exteriores

Paredes

Muros

Frontais de casas ou edifícios

e outras superfícies

NOVAS POSSIBILIDADES NA CONSTRUÇÃO CIVIL

Depois de cuidadosos ensaios laboratoriais e práticos, apresentamos agora em Portugal tintas petrificantes especiais e hidrófugas que **RESISTEM A TUDO**, sendo laváveis e de fácil emprego.

Pó que se mistura com água em 9 cores.

PEDIR INFORMAÇÕES AOS DISTRIBUIDORES EM PORTUGAL



HENRIQUES & CASTRO, Lda.

TELEF. 75057 - AV. CONDE DE VALBOM, 96 - LISBOA

Agentes em:

LOULÉ - Gilberto Maria Freitas
FARO - Eduardo Martins Seromenho & Rosa
ALBUFEIRA - José da Conceição Gaspar

Notícias pessoais VII Volta ao Algarve em bicicleta

Fazem anos em Setembro:

Em 1, as meninas Olga Margarida Pires de Barros, Maria Emília Costa Mendes, Ana Maria Oliveira e Sousa e a sr.^a D. Maria Margarida Polinas Bolotinha, residente em Lisboa.

Em 13, o menino José Jaime Rua Espadinha Galo.

Em 16, a menina Marieta Mendes Delgado Pinto.

Máximo Olegário da Conceição

Abriu escritório de procuradoria em Oliveira de Frades, para cuja comarca foi nomeado solicitador, o nosso prezado conterrâneo e assinante, sr. Máximo Olegário da Conceição que ultimamente prestava serviço na secretaria da Ordem dos Advogados em Coimbra.

Formaturas

Concluiu, com distinção, a sua formatura em veterinária, na Escola Superior de Medicina Veterinária, a sr.^a D. Lídia do Carmo Sousa, filha do nosso conterrâneo sr. Manuel de Sousa Conceição, enfermeiro no Hospital da referida Escola.

Também completou recentemente a formatura em Ciências Económicas e Financeiras, o nosso amigo e conterrâneo sr. Dr. Joaquim Manuel de Azevedo Barracha, que presentemente se encontra a prestar serviço militar em Tomar no posto de alferes.

As nossas felicitações aos jovens doutores e a seus pais.

Promoção

Pela última «Ordem do Exército» foi promovido ao posto de coronel do Corpo do Estado Maior, o nosso assinante em Lisboa, o sr. tenente-coronel Manuel Alcobia Veloso, casado com a nossa conterrânea sr.^a D. Laura Pontes Veloso.

Nascimentos

Em casa de sua residência, teve o seu bom sucesso, dando à luz uma criança do sexo feminino e outra do sexo masculino, a sr.^a D. Gracinda Viegas esposa do sr. Manuel Rodrigues Guerreiro.

Mãe e filhos encontram-se bem.

Partidas e chegadas

Na companhia de sua esposa e filhos, esteve entre nós, com curta demora, o nosso distinto colaborador sr. Dr. Alberto Iria.

Em gozo de férias, encontra-se entre nós, acompanhado de sua esposa, o nosso conterrâneo e assinante em Chaves sr. António Manuel Inês Figueiro.

Partiram há dias para Lisboa, onde embarcaram no «Vera Cruz» a fim de tomarem parte no «Cruzeiro aos Três Continentes», as nossas conterrâneas sr.^{as} D. Maria Antonieta Rocha Contreiras e sua irmã D. Maria Izidra Rocha Contreiras.

Com sua esposa, encontra-se entre nós, em gozo de férias o nosso assinante em Tomar sr. Tancredo Pereira Redol.

Acompanhado de sua esposa e filha, esteve entre nós o sr. Alexandre de Almeida Matias, chefe de Conservação de Estradas em S. Brás de Alportel.

Seguiram para Vendas Novas, a fim de frequentarem o curso de Sargentos Milicianos, os nossos conterrâneos srs. José Ricardo de Sousa Ferreira e Daniel Costa.

Na companhia de seus pais, encontra-se na Figueira da Foz, a sr.^a D. Esmeralda Carvalho B. Nascimento Costa, esposa do nosso amigo e assinante sr. Eng.^o Manuel do Nascimento Costa.

Em gozo de férias encontra-se entre nós o sr. João Manuel dos Ramos Seruca, estudante do ensino superior.

Vimos nesta, acompanhado de sua esposa e filha, o nosso conterrâneo e assinante em Lisboa sr. Eng.^o Manuel Farrejota Ramos.

A fim de frequentarem o curso de Oficiais Milicianos na Escola Prática de Infantaria, partiram há dias para Mafra os nossos conterrâneos srs. João Manuel da Conceição e Pedro Lino da Graça Iria.

Em gozo de férias, encontra-se nesta, o nosso conterrâneo sr. Eng.^o Idomélio Carrilho Ramos.

Encontra-se entre nós o nosso conterrâneo sr. engenheiro-eletrónico Júlio Cristóvão Mealha.

Em viagem de negócios, encontra-se em Alvalade (Beja), o nosso amigo e assinante sr. Silvino Seruca Carpinteiro.

Regressou das Caldas de Monchique, onde esteve em cura de águas, o nosso amigo e assinante sr. Manuel Pedro Madeira, comerciante na nossa praça.

Em gozo de licença, esteve entre nós o nosso amigo e assinante em Lisboa, o sr. Sérgio Silvestre Pedro Madeira, funcionário da Companhia de Seguros Atlas.

Na companhia do seu filho e esposa sr.^a D. Maria José Gonçalves Simões dos Ramos, esteve entre nós, em gozo de licença, o nosso amigo e assinante em Aveiro o sr. José Maria de Sousa Luís dos Ramos, funcionário da Agência do Banco de Portugal naquela cidade.

Em gozo de férias, encontra-se entre nós, a nossa conterrânea e assinante sr.^a D. Maria de Jesus Carrilho Costa, professora oficial em Guerreiros do Rio.

Retirou para Lisboa o nosso amigo, conterrâneo e assinante sr. Virgílio de Sousa Viegas, acompanhado de sua esposa a sr.^a D. Maria da Luz Guedes Viegas e de sua afilhada, a menina Justina Pereira de Melo.

A seu pedido, foi transferida da Estação Telefónica de Lagos para a de Loulé, a nossa conterrânea sr.^a D. Maria da Conceição Guerreiro, telefonista de 2.^a classe.

Na companhia de suas sobrinhas, encontra-se em Lisboa a sr.^a D. Francisca da Piedade Formosinho.

Com curta demora, esteve entre nós acompanhado de sua esposa e filha, o sr. Alberto da Conceição Vicente, funcionário judicial em Alcacer do Sal.

De visita a seus pais, encontra-se entre nós a nossa conterrânea sr.^a D. Cesaltina dos Santos Nogueira, acompanhada de seu marido sr. Emídio Nogueira, escriturário da C. U. F. em Lisboa.

Retirou para Cascais, onde vai frequentar o Curso de Sargentos Milicianos de Artilharia contra Aeronaves o nosso assinante sr. António José de Oliveira e Sousa.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso conterrâneo e assinante em Lisboa sr. Fernando Silvestre Murta Rebelo finalista da Faculdade de Medicina de Lisboa, que esteve entre nós de visita a sua família.

Em casa de sua irmã, encontra-se em Lisboa a nossa conterrânea, sr.^a D. Maria de Lourdes Cristóvão da Piedade.

A notícia dada em primeira mão pela «Voz de Loulé» causou nos meios velocipedicos da província grande entusiasmo e interesse pela próxima realização desta importante corrida.

Tem havido reuniões em Loulé, Faro e Tavira para ultimar diligências quanto à sua efectivação, sobretudo nos promotores técnicos e administrativos.

As 4 etapas, em princípio, delineadas, serão dedicadas a 4 grandes nomes do ciclismo algarvio.

A primeira tirada será de homenagem a Cabrita Mealha, a 2.^a a José Martins, a 3.^a a Ildefonso Rodrigues e a 4.^a a Joaquim Apolo.

O itinerário previsto para essas etapas é o seguinte: Primeiro dia Loulé - Portimão, por Messines e Porto de Lagos; de tarde Portimão-Loulé, por S. João da Venda. Segundo dia Loulé - Tavira, por Santa Catarina e Vila Real e de tarde Tavira-Loulé por Olhão com neutralização em Faro, seguindo para Loulé por S. Braz.

Com sua esposa e filha, encontra-se entre nós em gozo de licença, o nosso conterrâneo e assinante em Vila Real de Santo António, sr. Epitácio Guerreiro Amado.

Em gozo de férias, encontram-se em Marrocos, a nossa conterrânea e assinante sr.^a D. Maria das Dores Farrajota e a menina Ana de Guadalupe Barreto Campina.

Casamentos elegantes

No dia 22 de Agosto realizou-se em Lisboa, na Igreja de S. João de Deus, o enlace matrimonial do nosso prezado assinante e conterrâneo sr. Francisco Elias Garcia, funcionário na Agência do Banco de Portugal em Faro, com a sr.^a Dr.^a D. Maria Lisette Vinhas Pinto Lopes, professora do Liceu Nacional de Faro.

Apadrinharam o acto, por parte da noiva, seus pais, sr.^a D. Maria da Piedade Vinhas Pinto Lopes e o sr. Joaquim Pinto Lopes e por parte do noivo, sua mãe, sr.^a D. Fernanda Elias Garcia e o Rev. sr. Padre Luís Manuel Vieira.

Foi celebrante do acto o Rev. Padre sr. Francisco José Baptista, amigo íntimo da família do noivo e que para o efeito se deslocou a Lisboa.

Finda a cerimónia foi servido, em casa dos pais da noiva, um finíssimo copo de água aos numerosos convidados, após o qual os noivos seguiram para Sintra em viagem de núpcias.

O novo casal, a quem desejamos as maiores venturas, fixará a sua residência em Faro.

No passado dia 29, teve lugar na artística igreja de Santo António de Lagos, o enlace matrimonial da sr.^a D. Maria Helena Seita Reis Monteiro, filha da sr.^a D. Isabel Seita Monteiro e do sr. Dr. Maurício Serafim Monteiro, Conservador do Registo Civil de Loulé, com o sr. Engenheiro civil Joaquim Lopes Belchior, proprietário e gerente da «Alca», em Faro, filho da sr.^a D. Encarnação Lopes Belchior e do sr. Joaquim Belchior, já falecido.

Testemunharam o acto por parte da noiva, seus pais e por parte do noivo, sua mãe e seu cunhado sr. Dr. Jorge Varela, médico em Moncarapacho.

Após a cerimónia, a que assistiram apenas algumas pessoas mais íntimas da família dos noivos, foi servido um fino copo d'água na interessante e regional «Pensão Costa d'Ouro» de Lagos.

Na «corbeille» da noiva, viam-se valiosas prendas.

Os noivos seguiram em viagem de núpcias para o Norte, fixando residência em Faro.

Aos novos casais, apresenta «A Voz de Loulé» as suas sinceras felicitações, com votos de perene lua de mel.